

EDITORIAL

O tema desta Revista foi escolhido dado o interesse atual da Teologia, juntamente com outras áreas do conhecimento, em colaborar com o resgate da dignidade do ser humano a partir do que tem de mais elementar: seu próprio corpo.

O corpo é um organismo vivo, com as características de todo ser vivo. Devido ao seu caráter humano, o corpo é a presença, a expressão, a ação primeira, a palavra, o símbolo, a interioridade que se abre, o meio pelo qual o ser humano marca a sua presença pessoal no mundo. A isso podemos chamar de Corporeidade. De fato, o ser corpóreo é abertura constitutiva para o outro, é capacidade de coexistir por intercâmbios pessoais, na busca contínua de compreender o diferente e, conseqüentemente, de auto-compreensão.

O que as Sagradas Escrituras Judaico-Cristãs têm a nos dizer sobre o Corpo? É possível encontrar na Bíblia inspiração para que lancemos hoje um olhar sobre o corpo como algo fundamental para a realização humana e para o sentido da própria existência?

Certamente que sim! Na concepção bíblica mais antiga, o “corpo” é a unidade constitutiva do ser humano, é a expressão na qual o humano se manifesta; é, nesse sentido, obra prima da criação divina. Nessa perspectiva, a literatura bíblica trata o ser humano a partir de sua dimensão física, corporal, para “tocar” a dimensão do sentido da vida, em meio às contingências naturais das limitações físicas e mentais.

No desejo de contribuir para um maior aprofundamento deste tema apaixonante que toca a todos nós no que temos de mais visível em nossa essência humana, o corpo, apresentamos abaixo os autores, com a respectiva síntese dos artigos que escreveram para este número de Estudos Bíblicos. A ordem dos artigos segue a seqüência do primeiro para o segundo Testamento da Bíblia.

João Luiz, professor da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, escreveu um artigo que serve de introdução ao tema da Revista. Procura apresentar o sentido do termo “corpo” no Primeiro e no Segundo Testamento, com o intuito de tirar algumas conclusões pertinentes para uma teologia cristã que retome a preocupação de Jesus de Nazaré com o ser humano como um todo, a partir de sua dimensão física e psíquica (corpo).

Anízio Freire, da Ordem dos Frades Menores, professor do IFTO – Instituto Franciscano de Teologia de Olinda, apresenta seu artigo: “O corpo na mística dos Macabeus”. O autor faz uma leitura histórica e mística de 2Mc 7. A fé na ressurreição é uma nova visão do valor do corpo na família, na comunidade, na sociedade e na história. Dentro de um povo oprimido surge uma organização e uma luta libertadora. A referência é a Lei do Deus vivo, ao qual o povo se dirige com orações, lamentações e sú-

plicas. Surge uma mística dos pobres e oprimidos que enfrentam o poderoso opressor. O auge da resistência é a disposição de enfrentar o martírio, com a esperança na ressurreição, conforme o episódio central dos sete filhos, que com sua mãe, vão sendo, sucessivamente torturados e sacrificados. Deus restaura a vida humana destruída pela violência dos opressores. A fé na ressurreição nos leva ao Deus vivo, bem perto da gente, na concretude da vida com sua corporeidade, nos nossos relacionamentos pessoais, comunitários e sociais, na justiça, na misericórdia e na fidelidade.

José Josélio, assessor do CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, em PE, em sua abordagem do Livro de Rute, apresenta uma leitura homoafetiva ou homoerótica desta estória que envolve duas mulheres que lutam por sua sobrevivência e dignidade, em confronto com uma cultura patriarcal e de preservação de posses. Ele explica que a retomada desta estória pode motivar questionamentos sobre as posições da sociedade diante dos atuais movimentos massivos da comunidade GLBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais. A luta de Rute e Noemi, num pacto de fidelidade, pelo cumprimento das leis, em defesa de suas vidas e de seu convívio familiar, pode inspirar, hoje, a luta para que sejam conquistadas leis que protejam tipos similares de relações homoafetivas ou homoeróticas, procurando-se uma inclusão cidadã e religiosa das minorias GLBT.

José Comblin, padre, teólogo amplamente conhecido, de renome internacional, aborda a questão da corporeidade na Bíblia, a partir de Mt 25,31-46. Este texto de Mateus “expressa tudo o que Deus quis dizer aos homens”, que “a salvação consiste em gestos corporais dirigidos a corpos humanos, os corpos dos irmãos e irmãs”. Contudo “os cristãos refizeram uma religião semelhante à religião do Antigo Testamento”. Assim o corpo passou a ser um ente simbólico, tanto pelas consagrações religiosas como pela ampla simbologia dos rituais litúrgicos e sacrificais. Particularmente nasceu o clero legitimado no Antigo Testamento, e a própria eucaristia tornou-se um sacrifício, em substituição aos antigos sacrifícios. Contudo, Jesus, que nos é revelado no Novo Testamento, quer o culto dos atos reais. O corpo de Jesus é o instrumento do amor, ajuda, dá de comer, comunica, restitui a saúde, visita pessoas, acolhe, escuta, fala. A religião do AT, com o sistema do Templo e seus sacrifícios, aceita a guerra, a dominação, a discriminação, estruturas sociais injustas, não tolera o questionamento do sistema feito pelos profetas. “No Novo Testamento, santo é o corpo no seu agir habitual e não é mais o corpo transfigurado pelo mito e pelo rito”.

José Carlos Leandro, assessor do CEBI – PE, destaca a corporeidade vivida na realidade do cotidiano como elemento fundamental nas parábolas, que exprimem a ação libertadora de Jesus. As parábolas não são enunciados metafísicos elaborados a partir de categorias intelectuais, mas através dos fatos e acontecimentos do cotidiano revelam o enigma da pessoa de Jesus, o Filho de Deus. Particularmente, a partir da situação sofrida campesina, é feita uma reflexão sobre a parábola do semeador, ou “dos terrenos”. “Nas parábolas de Jesus, a Palavra que convoca à escuta unifica os corpos sofridos dos trabalhadores e trabalhadoras, numa busca incessante pela liberdade... O encontro com Deus dá-se na afirmação do encontro do seu mistério no cotidiano dos corpos”.

José Raimundo, assessor do CEBI – PE, delinea uma confrontação entre Jesus de Nazaré, em sua corporeidade encarnada e terrena, e o Cristo glorioso e celestial. A interpretação dos discípulos que viam Jesus como o cristo-messias restaurador do tradicional poder de Israel, e que foi repetidamente rejeitada por Jesus, persistiu após a sua morte, de maneira que a ressurreição passou a ser vista como a confirmação do cristo glorioso, não mais na terra, mas, agora, no céu. Podemos perceber, intermeadas no Novo Testamento, duas tradições. Uma é a tradição cristológica, do Filho de Deus ressuscitado e glorioso, que inspira a Igreja imperial. Outra é a tradição da encarnação, com a valorização da humanidade de Jesus de Nazaré, filho de Deus, divino e eterno, que, na sua corporeidade terrena, inspira a luta em defesa da vida, particularmente dos pobres e excluídos.

Paulo Valério, frade Capuchinho, professor da UNICAP e do IFTO, procura, dentre “as muitas vozes que falam na Bíblia”, perceber a “solidariedade do Cristo conosco e entre nós, na Carta aos Hebreus”. Destaca que o Cristo, Filho de Deus, exaltado e coroado de glória, valoriza sobremaneira a realidade corporal de Jesus. Cristo tornou-se perfeito pela obediência levada ao extremo, aceitando a morte, tornando-se um sumo sacerdote misericordioso e fiel. Solidariamente com Cristo, o discípulo, na comunidade, é exortado a buscar o serviço mútuo e o amor fraterno, “percorrendo o caminho de Cristo, que comporta a ineludível experiência do sofrimento”.

Artur Peregrino (José Artur Tavares de Brito), professor e pastoralista da UNICAP, integrante do Movimento de Peregrinos e Peregrinas do Nordeste, analisa como as peregrinações, com o sentido religioso da busca do sagrado, revalorizam o corpo. Destaca como nas grandes religiões tradicionais, até hoje as peregrinações têm grande importância. Entre o povo hebreu, a grande peregrinação do Êxodo tornou-se um dos pilares de sua religião. A partir de Jesus de Nazaré, as peregrinações e romarias do povo têm o sentido do encontro, da unidade, com Deus presente onde se encontra reunido o seu povo. Deixa-nos bem detalhado como o corpo é valorizado nos gestos e ações simbólicas, nas celebrações dos peregrinos.

José Raimundo Oliva